

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Bia

Quem é?

Nasceu em Belém do Pará, morou em Porto Alegre, agora está em São Paulo. Trabalhadora do sexo e tem 22 anos.

Responsável Pela Entrevista

Pedro Rivellino, acervo Repep, 14 de julho de 2016.

RELATO DA ENTREVISTA

A entrevistada ficou feliz com o assunto e surpresa quando eu disse que falava pajubá. Quando perguntada sobre a diferença entre pajubá e bajuba ela não soube responder, disse que independente do [p] ou [b], é o código das bichas para os outros entenderem. Uma questão relevante de ressaltar é que a Bia se identificou como uma pessoa muito católica, mas nem por isso deixou de falar ou conhecer a cultura de matriz africana. Isso enfatiza o caráter de que o Pajubá é uma língua das monas independente de outras características.

Ela diz ter aprendido o Pajubá com amigos gays mais velhos (entre 15 a 18 anos) quando ela tinha 12 “antes de virar travesti”. Também relatou que o pajubá é falado pelas travestis: “só as travestis falam, além de nós quem vive no meio (alguns héteros, família, amigos, namorados). Só quem está mais próximo” e “falo pajubá com as mona, as bicha”.

Quando questionada sobre a importância do dialeto pajuba, Bia afirmou que era “falar e alguém não entender, tipo um hétero” durante essa resposta, começou a comentar da *neca dos ocós* que estavam por perto na entrevista e continuou: “na hora do roubo fala o pajubá para sinalizar a companhia, exemplo agora ou depois, e o cliente não entender”. O pajubá é preciso, é importante. Dá pra comentar do bofe sem ele saber, *ocó acaisme*”. Para ela, os homens héteros falam das mulheres na cara, mas as bichas tiveram que inventar um código para isso. O pajubá é entendido como sobrevivência na rua, como forma de proteção a violência que estão sujeitas. O mundo do afeto com pessoas travestis e trans ainda é muito estigmatizado pela sociedade. São mundos paralelos que encontram materializações na linguagem.

Sobre as mudanças recentes no pajubá, Bia comentou que: “não tem como o Pajubá acabar, já está bem espalhado. Vim de Belém e é o mesmo, é um dialeto do Brasil todo. É a língua das bichas. Só troca algumas palavras”. Revelou ainda que quando alguém que não é do meio começa a usar um termo do pajubá, essa palavra tende a mudar, de forma a garantir a permanência do objetivo da incompreensibilidade por outrem.

Léxico do Pajubá usado na entrevista: Acatar – entender; Acaisme- perto; Alaísme – longe; Diágne – deixa quieto; Doce – tudo de ruim; Oxó – roupa; Bânio – roubar escondido da parceira; Mata(r) – fazer sem guante (camisinha); Beijo - roubo. É curioso perceber a volta de palavras fora do português nesse léxico atualizado.

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Valéria Rodrigues

Quem é?

Nascida no Paraná, morava em São Paulo desde seus 9 anos, foi presidenta do instituto NICE e integrante da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Estava em articulação com a Prefeitura de São Paulo realizando o Mapeamento Trans, quando faleceu de COVID, em 2021, com 40 anos.

Responsável pela Entrevista

Pedro Rivellino, acervo Repep, 17 de julho de 2016.

RELATO DA ENTREVISTA

Desde o começo da entrevista, Valéria já deixou claro que “abomina” o Pajubá, pois julga ser um “deserviço” porque “só atrapalha na hora do emprego, atendimento e abordagem”. Para ela, o dialeto é muito restrito à comunidade travesti e dificultaria a comunicação quando se está fora desse meio. Quando apresentada a proposta de estudar o dialeto como uma cultura da comunidade, a entrevistada disse que “não é cultura, [porque] não ajuda em nada”. Valéria disse que aprendeu o Pajubá com 16 anos com gays mais velhas e que concorda com o uso “entre iguais” em situações informais, onde ela escuta e até pode chegar a falar, porém não gosta de usar esse dialeto. Em determinado momento da entrevista diz que já foi rejeitada em uma entrevista de emprego ao utilizar o Pajubá, tendo a pessoa que a entrevistada para a vaga dito “você fala assim?” em tom pejorativo. Valéria ressaltou que em “Higienópolis e Frei Caneca não falam [o Pajubá]”, querendo dizer que este não é um dialeto utilizado pelas travestis de classe média e sim pelas travestis de classe baixa e mais marginalizadas.

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Lilian

Quem é?

Era cabeleireira e trabalhadora do sexo, tem 25 anos e estava desempregada no momento da entrevista, pois tinha saído da cadeia a 4 dias

Responsável Pela Entrevista

Pedro Rivellino, acervo Repep, 10 de setembro de 2016.

RELATO DA ENTREVISTA

Lilian fala o pajubá desde os 10 anos. Aprendeu com travestis mais velhas e diz que fala apenas com as travestis, “entre nós”, “elas que entendem”, “as bichas falam um pajubá mais velho, ex: bichas ‘bafo’, travestis ‘laruê’”. Para ela não existem diferenças entre pajubá e bajubá. Apesar de não saber estimar quando começou, reconhece que é um dialeto antigo que “vem de bicha pra bicha”, “sempre existiu e sempre vai existir, passa de geração em geração”, inclusive afirmou que quando achar uma bicha mais novinha vai ensinar o pajubá para ela.

Segundo Lilian, de norte a sul, leste a oeste, no Brasil fala-se o mesmo pajubá. Reconheceu que houve mudança no dialeto desde que o fala, mas não sabe explicar o motivo. Além disso, disse que a mudança se espalha rápido (em âmbito de estados).

Diz que o pajubá está presente nas boates e nas esquinas. Relatou que quando está “fazendo rua” fala muito pajubá, principalmente quando quer falar com as outras meninas sem o cliente entender, para principalmente falar da *mala* (ex: *é matim, não vai*) e para falar do beijo [roubo]. Disse que “*bicha só no pajubá para maricona não entender*”. Também mencionou o *Odara* que tem três significados: 1) maravilhoso, 2) grande, 3) bonito. Todos eles relacionados à *neca*.

Descreveu também que os valores dos programas variam de acordo com a localização na cidade. Como exemplo a média de preço nas esquinas do completo na R. Voluntários da Pátria, em Santana é R\$ 80,00; em Higienópolis é R\$250,00; na região do Jockey Club, valor cai para R\$50,00; e nas Ruas Rego Freitas e Bento Freitas chegam a R\$400,00, às vezes até mais caro.

Atualmente, mora no Centro, em um apartamento residencial na Av. São João. Mencionou uma pensão das monas na Rua Cruzeiro do Sul em que a cafetina, Michele, participa de uma ONG para “ajudar as bichas com HIV”. Contou que a diária desta pensão é barata, cerca de R\$ 30,00 com almoço, mas que esse valor é de uns 4/5 anos atrás. Disse que “Michele é boa, ela ajuda as bichas”.

Quando indagada sobre as famílias do Largo do Arouche não soube responder, pois ficou 3 anos presa e tinha saído da prisão a pouco tempo.

Para ela, a ideia de uma parque no minhocão pode ser positiva, pois seria mais um lugar para as bichas frequentarem. Nessa momento, ela ressaltou o caráter de liberdade do Arouche “aqui não tem preconceito, a gente dá *close de viado, não vem hétero dá nas bichas*”. Disse que vai para o Largo do Arouche só para conversar e que *para avenida*

[prostituição] seria bom o parque. Lilian disse que mesmo se houvesse mais policiamento – por conta dos novos condomínios – isso não afetaria o programa.

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Melissa

Quem é?

Nascida em Manaus, mora no centro de São Paulo, tem 22 anos.

Responsável pela Entrevista

Pedro Rivellino, acervo Repep, 10 de setembro de 2016.

RELATO DA ENTREVISTA

Questionada sobre desde quando fala pajubá, Melissa disse que desde que me entendo por gay”, isso mais ou menos 11 anos atrás. Disse ainda que aprendeu com as gays mais velhas, que tinham em torno de 20 a 30 anos. Relata que usa o pajubá quando está reunida com travestis em algum ambiente e “não queremos que os outros saibam o que estamos falando”, lugares públicos como bares, ou o “restaurante Juninho e a Padaria Gemel”. Em alguns lugares como o Largo do Arouche e as ruas Rego Freitas e Bento Freitas, Melissa ressalta que se fala bastante Pajubá, pelo grande fluxo de pessoas LGBTQs, disse ainda que nunca fez avenida e usa o Pajubá geralmente para “comentar dos ocós” e que acredita que o pajubá nunca vai sumir: “sempre existirá”. Perguntada sobre a origem do Pajubá, contou vagamente uma história que surgiu a partir dos escravizados na Bahia, mas ressalta que não sabe como “de lá, caiu nos GLBTs”, sendo que para Melissa, as monas se aperfeiçoam bem mais no Pajubá. A entrevistada disse que conhece a Casa da Michele, que ajuda as bichas com HIV com dinheiro que recebe da prefeitura [de São Paulo].

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Veronica e Bruna

Quem é?

Verônica tem 25 anos e Bruna 26 anos e é candomblecista. Ambas estão envolvidas no contexto de prostituição.

Responsável pela Entrevista

Pedro Rivellino, acervo Repep, 30 de junho de 2016.

RELATO DA ENTREVISTA

Na entrevista Bruna diz que é candomblecista e por isso muito mais fluente em Pajubá, mas com os significados dentro do uso religioso, não aqueles utilizados pela comunidade travesti. Não souberam precisar a data que o dialeto surgiu, mas dizem que começou a ser falado entre as trans que faziam avenida/esquina [se prostituíam]. Isso ocorreu, pois elas não queriam que os clientes entendessem o que estavam falando dele e também que era utilizado para roubá-los. Relatam que existem graus diferentes de fluência do Pajubá, existindo monas que falam muito bem o Pajubá e outras que têm dificuldade para entender. Ressaltaram que todas as travestis têm contato e conhecem o Pajubá, mesmo as que não fazem esquina. As meninas contaram que no candomblé existe a crença que toda homossexual/travesti tem uma pomba-gira que lhe protege e traz axé [sorte], dizendo que essa crença é bem popular. Quando perguntadas o que acham de gays ou pessoas heterossexuais e cis utilizando o Pajubá disseram que acham positivo, pois o mundo delas estava extrapolando: “é bom ver mulher e hétero falando por aí”.

Na entrevista foram apresentadas diversas palavras, a partir do dicionário online Aurélia, e as entrevistadas foram pontuando quais ainda são usadas ou quais estão em desuso. Além das palavras citadas que estão em desuso, outros termos do Pajubá que também estão sendo menos usados pela comunidade travesti, são aqueles que acabaram se popularizando ou que surgiram fora da comunidade travesti, advindo às vezes de outras línguas, que não o iorubá.

Palavras em uso/conhecidas:

Ageum: comida

Alibã: polícia

Amapoã: mulher ou trans feminina

Aquê: dinheiro

Aquendar: olhar, guardar

Cacura/maricona: velho (Nota do Entrevistador [N.E]: não há relação com orientação sexual)

Cafuçu: negro

Chuzi: maconha (N.E: termo falado na cadeia)

Coió: bater/ xingar

Dar a elza: roubar

Desaquendar: esconder

Equê: mentira

Erê/Amadê: criança, menino

Fazer a egípcia: fingir, dublar, ignorar

Fazer a kátia cega: fingir que não viu; sonsa

Ilê: casa (N.E: no iorubá, refere-se ao terreiro “illê”)

Indaca: boca, rosto

Malacu: ladrão

Matim: [neca] pequena

Mona: trans

Mona ocó/monocó: mona masculina; gay

Neca: pau, mala

Nena: fezes

Noia: drogado

Ocani: neca

Ocó: homem

Odara: [pau] grande

Oré: homem bonito

Otim: bebida alcoólica

Oxanã: cigarro

Padê: cocaína

Picumã: peruca, cabelo

Pomba gira: fofoca (?); endemoniada (?)

Qualira: bicha (N.E: termo regional utilizado no Maranhão)

Quaquá: bicha feia

Taba: maconha

Uó: algo ruim

Zoraide: muçulmana, mística (N.E: referência a personagem da novela o clone)

Palavras de uso concorrente:

Amapoa - amapô: mulher

Abatá - Apatá: sapato

Bagé - Egé: sangue

Afofi - Ofofi: fedor

Palavras em desuso:

Adé: bicha

Agé: ruim

Adé fontó: bicha enrustida

Bibita: neca pequena

Carupê: peruca

Cosibotó: bicha analfabeta

Cossibaré: burro

Cuã: casa

Laquaqua: neca grande

Lorogum: briga

Mitoró: xixi

Mamona: bicha chupeteira

Nicaô: “laquaquá” das monas

Omivaré: porra

Oté: chulé

Quat/Elzeiroi: Ladrão

Ramé: mal vestido

Xaxé: cocaina

Xepo: cafona

Palavras em desuso apenas pela comunidade travesti

Arô: dinheiro (N.E: Pajubá dos anos 2000)

Arrasou/lacrou/sambou

Atender: transar (N.E: Pajubá dos anos 2000)

Babado: acontecimento forte (N.E: Pajubá dos anos 2000)

Bafo

Barbie

Boy magia

Carimbar: passar DST

Cheque

Chuca (N.E: Pajubá dos anos 2000)

Close

Destruidora

Edy (N.E: Pajubá dos anos 2000)

Encubado

Fazer a alice: viver no mundo fake

Fazer um banheirão (N.E: Pajubá dos anos 2000)

Gaydar

Gongar/xoxar

Magia negra: perigo forte (N.E: Pajubá dos anos 2000)

(i)nhai

P.A.M.

Pintosa

Pocpoc

Quebra louça

Tô bege

Urso

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Marcelly, Loren, Bruna, Jenifer, Paloma e Paula

Quem é?

Todas na faixa dos 20 a 30 anos e estão envolvidas no contexto de prostituição.

Responsável pela Entrevista

Pedro Rivellino, acervo Repep, 06 de julho de 2016.

RELATO DA ENTREVISTA

Todas as entrevistadas disseram conhecer o dialeto Pajubá, algumas falam desde quando tinham 10 anos e se reconheciam como trans ou bichinhas. Sobre a origem, não souberam informar quando começou, mas disseram que existe há mais de 50 anos, porque as monas mais velhas já usavam quando elas eram pequenas, sendo que elas diziam que começou com as monas candomblecistas. O entrevistador apresentou a versão que ouviu na entrevista com a Bruna sobre o surgimento do dialeto: era uma forma das monas que fazem avenida se comunicar sem os clientes entenderem e assim podiam também assaltá-los. Entretanto, as entrevistadas não concordaram com essa versão, disseram que é útil para assaltar quando se faz avenida, mas este não seria o único uso que se faz do pajubá, ressaltam que usam o Pajubá também para falarem das outras pessoas sem que elas entendem e que, mais que a questão de proteção, o uso do Pajubá se relaciona a uma identidade de grupo.

Quando perguntadas sobre as diferenças sobre o Pajubá e o Bajubá, relatam uma possível diferença: o Pajubá teria uma relação mais direta com o iorubá e, portanto, uma ligação mais íntima com o candomblé; já o Bajubá seria o dialeto das bixas e das monas. Disseram que o Pajubá é falado em todos os estados, mas que existem diferenças. Quando o entrevistador comentou sobre a crença a partir do candomblé sobre proteção, comentaram que apenas as monas recebem proteção da pomba gira, os homens, sejam gays ou héteros, recebem proteção de exus.

Foi perguntado sobre o que acham das modernizações pelas quais o Pajubá passa e todas relataram que “acham uó”, justificando que as novas expressões que surgem são uma forma de resistência e preservação da identidade do dialeto e da sua origem, apesar que algumas vezes fica mais perceptível para as outras pessoas o que se está falando. Porém, veem com “melhores olhos” LGBTs que falam Pajubá, apesar de terem pouco contato com lésbicas e não mencionarem pessoas bissexuais. Só ressaltam que acham chato quando os maridos falam Pajubá: “eles não podem”, pois assim eles entendem quando elas comentam sobre outros caras. Nas falas das entrevistadas fica evidente uma contradição na popularização do Pajubá, pois isso traz aspectos negativos e positivos.

Na entrevista foram apresentadas diversas palavras, a partir do dicionário online Aurélia, e as entrevistadas foram pontuando quais ainda são usadas ou quais estão em desuso, além de apresentarem novas palavras.

Palavras em uso/conhecidas:

Ageum

Alibã

Aqué

Aquendar

Cacura: velho, sem dimensão sexual

Cafuçu: bofe feio

Coió

Dar a elza

Desaquendar: vazar, sair, tirar

Equê

Erê/Amadê

Fazer a doce polly: inocente

Fazer a egípcia

Fazer a kátia cega

Fazer a Zoraide

Ilê: casa, cadeia (onde mora)

Malaco: ladrão

Maricona: velho gay

Matim: relativo à neca

Mona

Neca

Neia

Nena: fezes

Ocani

Ocó

Odara: reativo à neca

Otim

Oxanã

Padê: cocaína, pó

Picumã

Pomba gira: puta

Qualira: viadinho (Nota do Entrevistador [N.E]: termo regional utilizado no Maranhão)

Quaquá: bixa feia, xixelenta

Taba/Chuzi (N.E: termo mais usado na cadeia)

Uó

Palavras de uso concorrente:

Amapoa - Amapô

Bagé - Egé: sangue

Olofum - Ofofi - Afofi: fedor

Palavras em desuso:

Adé

Agé

Cosibotó

Cossibaré

Cauã

Indaca

Laruê: fofoca (N.E: termo pouco usado)

Lorogum

Mitoró

Mamona

Nicaô

Oré

P.A.M

Palavras novas sem relação com o lorubá (algumas foram indicadas pelas entrevistadas):

Arô: dinheiro, reais

Atender: transar

Babado/bafo: fofoca

Banheirão: atender no banheiro (público ou de balada), ex: você faz a linha banheiro

Barbie: 1. Mona bonita sem nada no rosto. 2. Bicha forte

Boy magia

Carimbar: passar DST

Cheque: nena, fezes

Chuca: limpeza

Close, closeira: olhar para mim; chamar atenção

Destruidora

Dundi: negro

Edi: cu

Encubado

Face: rosto (do inglês)

Fazer a alice: lesada

Gayday

Gongar/xoxar

Inhai: oi

Lacrou/sambou/arrizou

Magia negra: coisa ruim

Pintosa

Pocpoc

Quebrar a louça: casada, casar

Racha: mulher cis (termo pejorativo fazendo referência a genitália)

To bege/ to de cara

Urso: tipo de gay peludo